



A ARTE RETÓRICA ARISTOTÉLICA: UM LEGADO CLÁSSICO ATÉ OS DIAS ATUAIS

*Luciene de Lima Oliveira**

A retórica de Aristóteles constitui a mais brilhantes das tentativas de institucionalizar a retórica a partir da Filosofia (Paul Ricoeur)
É a natureza social, coloquial do homem e a consciência natural do *lógos*, como palavra e razão, como meio de persuasão, do homem grego, que explica o valor que a palavra falada adquiriu na sociedade grega. (Luiz Rohden)

Resumo: O presente artigo tem por escopo tecer considerações a respeito da retórica na Grécia Antiga. Utilizou-se, sobretudo, como documentação textual, a Arte Retórica de Aristóteles, uma vez que a obra do Estagirita é considerada de grande valor, ainda, nos dias atuais para os estudos retóricos. Ressalte-se que, antes de tudo, foi feita uma abordagem da presença da retórica tanto na epopéia homérica quanto no teatro e, ainda, na historiografia e na filosofia.

Palavras-Chave: Grécia Antiga, Retórica, Aristóteles, Nova Retórica

* Doutoranda em Letras Clássicas (Linha de Pesquisa: *Modos e Tons do Discurso Grego*) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas (PPGLC) da UFRJ e Professora Substituta de Língua Grega do Instituto de Letras da UERJ. E-mail: lucienedelimaoliveira@yahoo.com.br



Abstract: This article is scope to make considerations about the rhetoric in ancient Greece. It was used mainly as textual documents, the Art of Rhetoric Aristotle, since Aristotle's work is considered of great value, even in these days for rhetorical studies. It should be noted that, above all, was made an exposure of the presence of rhetoric in both the Homeric epic as in theater and also in historiography and in philosophy.

Keywords: Ancient Greece, Rhetoric, Aristotle, New Rhetoric

1. Notas Introdutórias

O vocábulo retórica - *Rhetoriké* - provém do original grego de *rhétor*, “orador público”. Costuma-se defini-la como sendo um conjunto de preceitos e normas para a orientação dos oradores.

Para Vanoye, a retórica clássica se estabeleceu como um conjunto de técnicas destinadas à produção de discursos. Todavia, atualmente, a retórica constitui um instrumento da análise do discurso, principalmente, dos discursos estereotipados (VANOYE, 1986, p. 50).

Heinrich sublinha que a retórica é definida como *ars bene dicendi*, sendo que *bene* é a *virtus*¹ específica do discurso partidário constituída pelo sucesso da persuasão. Na verdade, esta *virtus* geral do discurso realizar-se-á, especificamente, em cada fase da elaboração e em cada parte do discurso (LAUSBERG, 1967, p. 86).



Há uma antiga tradição de que a arte da retórica seria uma invenção de Córax e Tísias no século V a.C. em Siracusa na Sicília; de Siracusa teria passado a Atenas através do sofista Górgias de Leontinos².

Acredita-se que a retórica seja uma disciplina muito antiga no mundo ocidental. Atesta-se, na *Ilíada*, pequenos discursos que eram pronunciados nas assembléias deliberativas. Ora, o velho Nestor tinha por epíteto o “rei-orador”, cujas “palavras fluíam mais doces que o mel” (HOMERO. *Ilíada* I, vv. 247-249), o que leva a pensar que os gregos já organizavam seus discursos em tempos bem remotos.

Tem-se, ainda, como modelos de eloquência, os discursos de três guerreiros gregos: Odisseu (HOMERO. *Ilíada* IX, vv. 223-307), Fênix (HOMERO. *Ilíada* IX, vv. 431-606) e Ájax, Telamônio (HOMERO. *Ilíada* IX, vv. 621-643). Estes discursos tinham por objetivo persuadir Aquiles a retornar ao campo de batalha. Na *Odisséia*, a formosura, o talento e a eloquência eram considerados presentes divinos (HOMERO. *Odisséia* VIII, vv. 167-175)³.

A Ilíada e a Odisséia de Homero são consideradas obras monumentais da eloquência grega. Com ele, “mestre universal”, os gregos aprendiam a gramática, a história, a moral e a arte de bem falar.

(RHODEN, 1997, p. 20-21)

Os gregos antigos acreditavam que o discurso era provido de poder, a esse poder os gregos acreditavam que emanava de uma divindade: - *Peithó* – ‘a Persuasão’.

O tragediógrafo grego, Ésquilo, através da fala da deusa Atená, faz referências à Persuasão. A deusa acreditava que era a *Peithó* quem fazia suas palavras parecerem ‘mágicas e doces’ (ÉSQUILO. *Eumênides* vv. 1171-1174). Em uma outra ocasião, a filha



de Zeus mostra-se agradecida à *Peithó* por guiar a sua voz e lábios' (ÉSQUILO. **Eumênides** vv. 1275-1278).

Convém lembrar o que Odisseu falou a Neoptólemo: “Hoje, com a experiência, vejo que, entre os mortais, são as palavras, e não as ações que conduzem tudo” (SÓFOCLES. **Filoctetes** vv. 98-99).

Tucídides, em sua obra historiográfica, reproduziu determinados discursos, citem-se, por exemplo: os discursos dos corcíreus aos atenienses (TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso I** 32 a 36), os discursos dos coríntios também aos atenienses (TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso I** 37 a 43) e o famoso discurso de Péricles, que ficou conhecido como “O Discurso Fúnebre de Péricles” (TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso II**, 34-46). Sublinhe-se que, de um modo geral, os discursos reproduzidos pelo historiador são classificados em *deliberativos* ou *políticos*.

Ora, os estudos de retórica também faziam parte da educação dos romanos, povo esse que “sempre manifestou grande pendor para a eloquência” (FARIA, 1988, p. 51). Cícero é considerado como o maior dos oradores clássicos; já a obra *Institutio Oratoria* (‘O Ensino da Oratória’) de Marcus Fabius Quintilianus é digna de destaque, uma vez que apresenta uma síntese dos conhecimentos retóricos da antiguidade.

Atribui-se a Aristóteles uma teoria mais sistemática sobre os gêneros e sobre a natureza do discurso. O filósofo escreveu dois livros que versam sobre o discurso: *He Poietikè Tékhne* (A Arte Poética) e *He Rhetorikè Tékhne* (A Arte Retórica).

Na verdade, tanto o Estagirita quanto Platão criticaram os retóricos que os precederam por “terem apenas reunido algumas receitas e alguns subterfúgios aplicáveis à oratória” (DAYOUB, 2004, p. 10).



Platão faz a seguinte observação em relação à “verdadeira retórica”: “a condição essencial da verdadeira retórica, da eloquência é o saber. Não é o miserável ofício de mistificador da palavra, nem a arte sorrateira do falso escritor” (PLATÃO. **Fedro**, p. 190).

Já Aristóteles sublinha que a retórica é útil porque o verdadeiro e o justo são, por natureza, melhores que seus contrários (ARISTOTE. **Rhétorique I**, 1, 1355 b 21-22).

Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca – dois dos mais importantes teóricos da retórica do século XX -, tendo por base Aristóteles, escrevem o *Tratado da Argumentação*. Nascia assim, o que denomina-se, hoje, de “A Nova Retórica”.

2. O Corpus da *Rhetorikè Tékhne*

Reboul enfatiza que a obra de Aristóteles é composta por quatro partes, que representariam as quatro fases pelas quais passa aquele que compõe um discurso ou pelas quais acredita-se que passe. Destaca também que “na época romana, à ação será acrescentada a memória” (REBOUL, 2004, p. 44).

1) A Inventio (Heúresis)	2) A Dispositio (Táxis)	3) A Elocutio (Léxis)	4) A Actio ⁴ (Hypókrisis)
É a invenção, descoberta de encontrar o que dizer. Em resumo: é o assunto que se vai tratar.	É a ordenação favoráveis das partes ⁵ .	É a ornamentação dos vocábulos e das figuras ⁶ .	São os gestos e a dicção do orador como se fosse um ator.



He Rhetorikè Tékhne de Aristóteles é dividida em três Livros. No Livro I, o filósofo conceitua a retórica como a faculdade de descobrir, especulativamente, o que, em cada caso, pode ser próprio para persuadir (ARISTOTE. **Rhétorique I**, 2, 1355 b 25).

A retórica é correspondente, *antístrophos*, à dialética, pois todos os homens utilizam, até certo ponto, de uma e de outra, quando se põem a discutir uma tese. Ambas não pertencem ao domínio de uma ciência, uma vez que não possuem um objeto definido (ARISTOTE. **Rhétorique I**, 1, 1354 a 1-7).

O Estagirita distingue três gêneros de discursos oratórios que foram divididos, levando em conta seus ouvintes e sua temática:

- a) **Deliberativo** - se o ouvinte for cidadão decidirá sobre as realizações futuras, sendo a temática política;
- b) **Judiciário** - a temática é de conflitos de interesses individuais (judiciário privado) ou coletivos (judiciário público), a decisão é sobre acontecimentos passados que cabe a um grupo de juízes;
- c) **Demonstrativo** - o ouvinte é um espectador, havendo, neste discurso, um elogio ou uma censura a respeito de acontecimentos ocorridos na cidade. O presente é o tempo essencial neste gênero de discurso (ARISTOTE. **Rhétorique I**, 3).

O método hábil da retórica se fundamenta em provas, *písteis*. Ora, a prova é uma demonstração, *apodeíxis*, pois confia-se mais quando se demonstra (ARISTOTE. **Rhétorique I**, 1, 1355 a 4-7).

Há dois tipos de provas: as *técnicas* (*éntekhnoi*) e as *extra-técnicas* (*átekhnoi*). As provas *técnicas* são as provas criadas pelo orador com o objetivo de persuadir o auditório.



Ressalte-se que as provas técnicas empregadas através do discurso são de três espécies:

- a) Quanto ao caráter do orador, uma vez que se pode alcançar a persuasão pelo caráter do orador, quando o discurso é dito de tal sorte que “torne o orador digno de crédito” (ARISTOTE. **Rhétorique** I, 15, 1356 a 5);
- b) Quanto às paixões dos ouvintes, quando o discurso os leva a experimentar uma paixão (ARISTOTE. **Rhétorique** I, 15, 1356 a 14);
- c) Quanto ao valor demonstrativo do discurso, Aristóteles pontua que o discurso (*dià tòn lógon*) gera a persuasão, quando a verdade e o verossímil são mostradas (ARISTOTE. **Rhétorique**, I, 15, 1356 a 19-20).

Diz-se que, em Aristóteles, o que se deve observar, primeiramente, são as bases éticas, psicológicas e linguísticas de um discurso.

Dayoub sublinha que o *êthos* e o *páthos* têm feição afetiva, já o *lógos* possui feição racional. Essa parte do discurso, para a pesquisadora, é a mais importante da oratória, uma vez que expressa a argumentação propriamente dita e envolve o raciocínio lógico e persuasivo. Dayoub enfatiza que, no decorrer da apresentação de seus argumentos, o orador pode ter atitudes de um ator teatral, expondo um caráter diferente daquele que ele realmente possui (DAYOUB, 2004, p. 15).

Reboul diz que é, na narração, *lógos* que o *êthos* e o *páthos* são superados (REBOUL, 2004, p. 56).

Luiz Rohden considera que o *êthos* deve ser compreendido não só como “caráter”, mas atitude, costume, moralidade, elementos estes que aparecem na disposição do orador.



“*Phátos* não é paixão no puro sentido de uma inflamada emoção, mas é o mundo todo da irracionalidade emocional” (ROHDEN, 1997, p. 102).

Assim é que todos os oradores procuram que as provas técnicas sejam aceitas pela demonstração pelo emprego de *exemplos* e de *entimemas* (ARISTOTE. **Rhétorique** I, 2, 1356 b 20-27), conforme o quadro subscrito:

Exemplo (<i>Parádeigma</i>)	Entimema (<i>Enthýmema</i>)
<p>É uma indução retórica que consiste em citar um caso particular para induzir o auditório de que assim é o geral.</p> <p>Há dois tipos de exemplos:</p> <p>a) Fatos Históricos - são os casos, realmente, sucedidos;</p> <p>b) Fatos Fictícios - são os casos inventados, por exemplo: o emprego de parábolas e fábulas.</p>	<p>A demonstração retórica é o <i>entimema</i>. Na verdade, o entimema é um silogismo, <i>sylogismós</i>, retórico que é uma forma de raciocínio em que, sendo dadas certas proposições (premissas), desta resulta, necessariamente, uma nova proposição.</p> <p>O silogismo é mais eficaz contra os opositores.</p>

Entre os oradores, uns preferem servir-se de *parádeigma*, outros de *entimemas*. Os discursos baseados em *parádeigma* prestam-se mais que os outros para persuadir, por serem mais claros e acessíveis a pessoas de pouca instrução. Já os discursos baseados em *entimemas* impressionam mais (ARISTOTE. **Rhétorique** I, 2, 1356 b 20-27).



Já as provas *extra-técnicas* não são criadas pelo orador, citem-se, por exemplo: as testemunhas, os escritos, as confissões sob tortura. Aristóteles enfatiza que as testemunhas são de duas espécies: as testemunhas antigas e as recentes (ARISTOTE. **Rhétorique** I, 15, 1375 b 26-34 / 1376 a 1-16).

Denominam-se testemunhas antigas os poetas e outros personagens em evidência. O filósofo oferece também exemplos de pessoas que utilizaram testemunhos de Homero, Sólon e Periandro. As testemunhas recentes só têm uma utilidade: determinar se um fato ocorreu ou não. Algumas deste tipo de testemunhas podem compartilhar dos perigos do réu (ARISTOTE. **Rhétorique** I, 15, 1375 b 28-34).

O discurso consta de três componentes (ARISTOTE. **Rhétorique** I, 3, 1358 a 37-40):

- a) O que fala ⇨ O Orador
- b) Aquilo que se fala ⇨ O Assunto
- c) Aquele a quem se fala ⇨ O Auditório

O linguista francês Émile Benveniste atesta que a narração discursiva é “toda a enunciação que supõe um locutor e um receptor, tendo o primeiro a intenção de influenciar o outro seja de que modo for” (BENVENISTE, s/ d, p. 23).

Na verdade, o enunciador (no caso o orador), através de suas palavras, quer influenciar o seu auditório, de modo que compartilhem das mesmas opiniões.

No Livro II, o Estagirita destaca que utiliza-se os discursos persuasivos para provocar um juízo / julgamento nos seguintes casos:



- a) Quando se usa o discurso destinado a um só ouvinte para aconselhar ou desaconselhar ou para repreendê-lo ou incitá-lo a decidir-se sobre algo. Esse único ouvinte é considerado um juiz, já que o indivíduo, que se pretende persuadir, é um verdadeiro juiz;
- b) Quando se fala contra um adversário ou se combate uma determinada tese. Neste último caso, usa-se o discurso para refutar os argumentos contrários;
- c) Quando se usa o discurso para elogiar ou censurar. O discurso dirigido a esse ouvinte possui a mesma importância que se fosse dirigido ao juiz (ARISTOTE. **Rhétorique** II, 18, 1391 b 7-26).

A professora Maria Cecília destaca que o “el discurso se inscribe en un terreno agonístico, porque se lucha por y con la palabra, cuya preeminencia es extraordinaria. El orador es un *agonistés*, un combatiente y el discurso persigue um *télos*, un fin: convencer al auditorio” (COLOMBANI, 2002, p. 251).

Rohden destaca que “o discurso é produto mais de um impulso espontâneo natural do momento, que de uma reflexão. Caracteriza-se por argumentos de ordem psicológica e pessoal mais do que análise de idéias” (ROHDEN, 1997, p. 22).

Aristóteles enumera as qualificações que o orador deve possuir a fim de que sua mensagem convença o público: *phrónesis* (*sensatez, prudência*), *areté* (*virtude*) e *eúnoia* (*boa vontade, benevolência*). O orador que tem o *êthos*, o caráter formado por estas três qualidades possui a confiança do ouvinte (ARISTOTE. **Rhétorique** II, 1, 1378 a 6-19).

Além do mais, o orador deve ter a capacidade de despertar paixões, diga-se, *páthe* em seus ouvintes. As paixões são “os meios pelos quais se fazem mudar os homens nos seus juízos e que têm por consequência o prazer e a dor como, por exemplo, a cólera, a



compaixão, o temor e todas as outras paixões semelhantes e aquelas que são contrárias” (ARISTOTE. **Rhétorique** II, 1, 1378 a 20-22).

Citem-se essas “paixões”, *páthe* que o Estagirita faz referência entre os capítulos 2 a 11 de sua *He Rhetorikè Tékhne*: a cólera (*orgé*) (cap. 2), a calma / a serenidade (*tò prauínesthai*) (cap. 3), a amizade (*philía*) e a inimizade (*tò ékthos*) (cap. 4), o temor (*phóbos*) e a confiança (*tharreîn*) (cap. 5), a vergonha (*aiskhýne*) (cap. 6), o favor ou a benevolência (*kháris*) (cap. 7), a piedade (*éleos*) (cap. 8), a indignação (*nemesân*) (cap. 9), a inveja (*phthónos*) (cap. 10), a emulação (zelo) (cap. 11).

A pesquisadora Elisa Brandão de Carvalho salienta que,

é de se notar que a tradução da palavra páthos por “paixão” é um tanto inadequada, já que tal palavra indicaria, no contexto da Retórica, uma mera disposição anímica (o que o alemão chama Stimmung). Em português, a melhor tradução seria talvez “emoção” (CARVALHO, 2006, p. 141).

Novamente, o filósofo retoma ao assunto das proposições e dos *entimemas*.

Deve-se possuir para cada assunto uma seleção de proposições sobre o que é possível e mais apropriado à causa, isto é, é necessário fazer uma escolha preliminar dos argumentos, incluindo o maior número de proposições adequadas (ARISTOTE. **Rhétorique** II, 22, 1396 b 4-9).

Quanto aos *entimemas*, sublinha que há dois tipos: os demonstrativos, que é a conclusão de premissas aceitas pelo adversário e os refutativos, cujas conclusões o adversário não aceita (ARISTOTE. **Rhétorique** II, 22, 1396 b 20-26).



O Livro III (ARISTOTE. **Rhétorique**, III, 14-19) trata a respeito das diferentes partes do discurso, *perì táxeos* (capítulos 1-12) e também a respeito do estilo, *perì léxeos* (capítulos 13-19).

Eis a divisão aristotélica das partes de um discurso:

- 1) O Proêmio (*tò prooímion*) – é o início do discurso (ARISTOTE. **Rhétorique**, III, 14, 1414 b 19);
- 2) O Desenvolvimento que compreendia: A narração (*he diégesis*) - parte objetiva da exposição e apresentação dos acontecimentos (*tò prâgma*) (ARISTOTE. **Rhétorique**, III, 16, 1416 b, 17-20) e a A demonstração (*he apódeixis*) – o autor faz uma apreciação das provas (*písteis*) que possui, sejam elas técnicas ou extra-técnicas (ARISTOTE. **Rhétorique**, III, 17, 1417b 21-34).
- 3) O Epílogo (*ho epílogos*) – O epílogo compõe-se de quatro partes: a) dispor o ouvinte em favor de si mesmo; b) amplificar ou atenuar o que foi dito; c) excitar emoções no ouvinte; d) fazer recapitulações de seu discurso (ARISTOTE. **Rhétorique**, III, 19, 1419 b 10-19).

Luiz Rohden destaca que “o epílogo tem, essencialmente, dupla finalidade: “refrescar” a memória e influenciar nos afetos” (ROHDEN, 1997, p. 126).

O princípio de falar em grego possui cinco condições conforme sublinha Aristóteles:

- 1) empregar as conjunções de modo adequado nas frases, fazendo com que não fique um espaço muito grande entre duas proposições ou nomes; 2) deve-se utilizar os nomes próprios ao invés de perífrases; 3) não fazer uso de termos ambíguos; 4) fazer a distinção



dos gêneros nominais: masculino, feminino e neutro; 5) nomear os números gramaticais (ARISTOTE. **Rhétorique** III, 5, 1407 a 20-39; 1407 b 1-10).

O discurso deve ser apropriado e claro, sem ser vulgar, e é, justamente, a utilização adequada dos nomes e dos verbos que faz a clareza do estilo (ARISTOTE. **Rhétorique** III, 2, 1404 b 1-7).

Aristóteles enfatiza que os assíndetos e as frequentes repetições vocabulares são impróprios no estilo escrito, apesar de, nos debates, os oradores a utilizarem por serem meios peculiares da ação (ARISTOTE. **Rhétorique** III, 12, 1413 b 19-21).

O filósofo também enumera vários tipos de estilos: simples, complexo, conciso, redundante etc. Como sublinha o filósofo, o “estilo será adequado se expressa o patético (= emoções) (...)” (ARISTOTE. **Rhétorique** III, 7, 1408 a 10-11).

3. Notas Conclusivas

Como se infere da leitura do artigo “*A Arte Retórica Aristotélica – Um Legado Clássico Até os Dias Atuais*”, tem-se a utilização da retórica em várias épocas na Grécia Antiga, cujos poetas, teatrólogos, historiadores e filósofos fizeram referências retóricas tanto de modo direto quanto indireto.

Assim é que *He Rhetorikè Tékhne* de Aristóteles é digna de nota, uma vez que é considerada de grande valor, ainda, nos dias atuais para os estudos retóricos; sendo objeto de estudo de pesquisadores, tais como Olivier Reboul, Paul Ricoeur e Luiz Rohden. A propósito, a preocupação com o uso da linguagem, para se expressar de maneira clara, concisa é uma herança clássica que passou para a cultura ocidental.



Como propõe o Estagirita “se é vergonhoso que um homem não possa se defender com seu próprio corpo, seria muito mais vergonhoso não poder se defender por meio da linguagem” (ARISTOTE. **Rhétorique** I, 1, 1355 a 38- 1355 b 1-2).

Documentação Textual

ARISTOTE. *Rhétorique*. Texte établi et traduit par Médéric Dufour. Paris: Les Belles Lettres, 1967, Tome Premier.

_____. *Rhétorique*. Texte établi et traduit par Médéric Dufour. Paris: Les Belles Lettres, 1967, Tome Deuxième.

_____. *Rhétorique*. Texte établi et traduit par Médéric Dufour e André Wartelle. Paris: Les Belles Lettres, 1973, Tome Troisième.

_____. *Poétique*. Texte établi et traduit par J. Hardy. Paris: Les Belles Lettres, 1979.

ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s / d.

ÉSQUILO. *Eumênides*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

HOMERO. *Iliada*. Edição Bilíngue. Tradução de Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2003.

_____. *Odisséia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

PLATÃO. *Menon, Banquete, Fedro*. Tradução de Jorge Paleikat. Porto Alegre: Globo, 1954.



QUINTILIEN. *Institution Oratoire*. Texte établi et traduit par Jean Cousin (Tome I-III).

Paris: Les Belles Lettres, 1976.

_____. *Institution Oratoire*. Texte établi et traduit par Jean Cousin (Tome IV-VI).

Paris: Les Belles Lettres, 1978.

SÓFOCLES. *Filoctetes*. Tradução de José Ribeiro Ferreira. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Tradução de Mário da Gama Curí. Brasília: UnB, 1986.

Bibliografia

ARISTÓTELES. *Retórica das Paixões*. Tradução de Ísis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAYLLE, Anatole. *Dictionnaire Grec-Français*. Ed. Revista por L. Séchan e Chantraine. Paris: Hachette, 2000.

BENVENISTE, Émile. *O Homem na Linguagem*. Tradução de Isabel Maria Lucas Pascoal. Lisboa: Vega, s/d.

CARVALHO, Elisa Costa Brandão de. O Livro II da *Retórica* de Aristóteles – 1ª Parte. Principia. Rio de Janeiro, XIV, pp. 141-146, 2006.

COLOMBANI, María Cecilia. *De La Palavra Mágico-Religiosa, A La Palabra Política. Uma Lectura Desde Las Condiciones de Producción y Recepción Del Discurso*. Phoênix. Rio de Janeiro: Mauad Editora, pp. 244-258, 2002.

DAYOUB, Khazzoun Mirched. *A Ordem das Idéias*. São Paulo: Manole, 2004.



FARIA, Ruth Junqueira de. Quintiliano, Mestre e Educador. *Calíope – Presença Clássica*.

Rio de Janeiro, nº 7, pp. 51-56, julho / dezembro, 1988.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de Retórica Literária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1967.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

PERELMAN Chaïm e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

REBOUL, Olivier. *Introdução à Retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação: o Discurso e o Excesso de Significação*. Tradução de Artur Morão. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Rio de Janeiro: Edições 70, s.d.

ROHDEN, Luiz. *O Poder da Linguagem – A Arte Retórica de Aristóteles*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

VANOYE, Francis. *Usos da Linguagem: Problemas e Técnicas na Produção Oral e Escrita*. Tradução e Adaptação de Clarisse Madureira Sabóia [et al.]. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

¹ Do grego *areté*, virtude, excelência.

² Deve-se lembrar que vários sicilianos haviam perdido suas propriedades para tiranos, assim, sem o poderio militar, os sicilianos tiveram de desenvolver a eloquência para terem, de volta, seus bens confiscados pelos tiranos. Supõe-se que, em Siracusa, ocorriam muitos debates políticos

³ Lembrai que a eloquência também fazia parte da educação de Aquiles (HOMERO. *Ilíada* I, vv. 247-249).

⁴ Denominada também de *pronunciatio*.

⁵ Aqui se insere as partes do discurso, a saber, o próêmio, o desenvolvimento (= narração e demonstração) e o epílogo.

⁶ É a expressão linguística dos pensamentos encontrados pela *inventio*.